

REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

FILOLOGIA, ESTUDOS LITERÁRIOS E CULTURA ESCRITA

ARTIGO

ANÁLISES COMPARATIVAS APROXIMAM GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO

COMPARATIVE ANALYSES BRING GUIMARÃES ROSA AND MIA COUTO CLOSER

ALDECI NARDES-SILVA

Doutoranda em Literatura: Análise Comparativa do Discurso pela USP. E-mail: aldeci.nardes@usp.br

RESUMO

O artigo apresenta resultados parciais de pesquisa em andamento que analisa as inter-relações cronotópicas e as aproximações dialógico-polifônicas entre *Buriti*, de João Guimarães Rosa, e *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto. Fundamentado nos estudos de Mikhail Bakhtin e de seu Círculo, o trabalho aborda conceitos de cronotopia, dialogismo e polifonia aplicados à arquitetônica romanesca. A análise comparativa evidencia convergências nas obras, como a escolha de profissões exercidas simultaneamente, a valorização da natureza como elemento central do enredo e a incorporação de acontecimentos do mundo real à ficção. Também se observa o entrelaçamento com outras produções dos autores, revelando diálogos intertextuais que ampliam os sentidos das narrativas. A investigação destaca a relevância dessas aproximações para os estudos comparativos em literatura, ressaltando a potência estética e crítica da obra de ambos os escritores.

Palavras-chave: Literatura; estudos comparativos; dialogismo; polifonia; cronotopia.

ABSTRACT

This article presents partial results of ongoing research that examines the chronotopic interrelations and dialogical-polyphonic approaches between *Buriti*, by João Guimarães Rosa, and *A River Called Time, a House Called Land*, by Mia Couto. Grounded in the studies of Mikhail Bakhtin and his Circle, the paper discusses the concepts of chronotope, dialogism, and polyphony applied to novelistic architectonics. The comparative analysis reveals convergences in the works, such as the choice of simultaneously exercised professions, the prominence of nature as a central element in the plot, and the inclusion of real-world events into fiction. The study also highlights interconnections with other works by the authors, showing intertextual dialogues that expand the meanings of the narratives. The research emphasizes the importance of these parallels for comparative literary studies, underlining the aesthetic and critical strength of both writers' works.

Keywords: Literature; comparative studies; dialogism; polyphony; chronotope.

Introdução

Estudamos, neste trabalho, as inter-relações cronotópicas e aproximações dialógico-polifônicas entre as obras literárias “Buriti”, do escritor mineiro João Guimarães Rosa; e “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”, do moçambicano Mia Couto. É um recorte de nossa tese de doutoramento que se encontra em andamento, no qual analisamos comparativamente as duas obras, apoiadas, sobretudo, nos estudos empreendidos por Mikhail Bakhtin (1920, 1929, 1934, 1979) e seu Círculo, que versam sobre a cronotopia na arte literária e os conceitos de dialogismo e polifonia, implicados nas leis que regem a arquitetura romanesca.

Constatamos, nesta etapa da pesquisa, convergências nos trabalhos dos dois escritores, como a escolha de duas profissões, ambas exercidas concomitantemente; a predileção por questões ligadas ao meio ambiente, com a natureza figurando com protagonismo na história; e ainda a opção por introduzir acontecimentos do mundo real atravessados no enredo. O rio Madzimi e a palmeira buriti são personagens que entremeiam as tramas, imprimindo nelas relevância que acompanha toda a história.

Tanto em “Buriti” quanto em “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”, os autores ainda entrelaçam à estrutura das obras em questão eventos de outros trabalhos seus dialogando com estas. Em Guimarães Rosa, citamos a novela “Campo geral – Miguelim” e “A boiada”, diário de campo realizado em maio de 1952, cujos dados a atravessam. Em “Buriti”, personagens apreciam as noites na varanda depois do jantar, principalmente as noites enluaradas, deleite que inclui a sinfonia de animais noturnos, experiências que suscitam reminiscências discursivas ligadas ao presente e a pretéritos entrecruzados.

E em Mia Couto a situação é semelhante. Questões históricas de seu país, como a colonização europeia, coincidem com a da ficção; as guerras de Libertação Nacional e civil, tratadas fartamente em entrevistas, também são abordadas no romance e em “Terra sonâmbula”, outro romance que é sua obra-prima. Discordâncias que vinham da política de assimilação da era colonial dividiram famílias e o país, levando compatriotas a lutarem de lados opostos. Surgiu, então, uma classe social diferente, a dos “novos ricos” que, nas palavras de Mia Couto, incluem “colonizados mentalmente”, pessoas que “reproduzem aquilo que é o pior da atitude do branco português, com certa arrogância muito básica, muito primária, muito desrespeitosa com o outro” (COUTO, 2010, p. 204).

As relações dialógicas, ocorrências discursivas que transitam para além dos limites da esfera linguística e das leis que regem os recursos que compõem o sistema da língua, contemplam linguagens, elementos extralinguísticos; inter-relações que indicam a criação de sentidos outros. Assim, como nos afirma Bakhtin (2013 [1929]), as “[...] relações dialógicas são irredutíveis às relações lógicas ou às concreto-semânticas, que por si mesmas carecem de momento dialógico.

Devem personificar-se na linguagem, tornar-se enunciados, converter-se em posições de diferentes sujeitos expressas na linguagem [...]” (BAKHTIN, 2013 [1929], p. 209). O dialogismo é sempre plural e suas relações são dinâmicas, amplas. Discursos diversos permeiam a estrutura das relações dialógicas, espaço onde o convergente e o contraditório convivem, incluindo acontecimentos da realidade do mundo, da vida plena.

Aproximações dialógico-polifônicas entre “Buriti” e “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”

Para analisar, comparativamente, as obras “Buriti”, do brasileiro, e de “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”, do moçambicano, nos apoiamos nas concepções dialógicas romanescas, sobre as quais Mikhail Bakhtin (2013 [1929]) discorre, enfocando os enredos literários configurados em bases que encontram lastro nas vivências do mundo factual. Trata-se, portanto, de criações literárias em que o autor-criador faz escolhas discursivas, adotando para o trabalho estilos e linguagens que julgue necessários para dar conta dos objetivos almejados.

Nós, inicialmente, elegemos apenas “Buriti” como corpus da nossa pesquisa, por conta da abordagem temática e do significado histórico, um título que compõe o conjunto de sete novelas abarcadas pela obra “Corpo de baile”, lançada em 1956, mesmo ano em que João Guimarães Rosa também publicou sua obra-prima, “Grande sertão: veredas”. No entanto, ao estudar “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”, surgiu a ideia de agregar à pesquisa o romance coutiano e analisar as duas obras comparativamente. Preliminarmente observamos que havia convergências entre os dois escritores e suas obras, como a abordagem temática, enfocando o meio ambiente, os modos de vida e as vivências do povo do lugar sendo atravessadas por questões do mundo.

Observamos, então, o que Bakhtin (2017 [1970], p. 18-19) nos conta sobre uma cultura, que só consegue se mostrar de modo profundo e verdadeiro a outro grupo cultural distinto quando ocorrer um contato, quando eles se relacionarem, promovendo sentidos. Assim, com a inter-relação estabelecida “entre eles começa uma espécie de diálogo que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas” (BAKHTIN, 2017 [1970], p. 19). No caso dos dois escritores, o contato se deu pelas obras, mediado por textos. Tanto que, embora Guimarães Rosa e Mia Couto não tenham se conhecido – quando Guimarães Rosa faleceu, em novembro de 1967, Mia Couto tinha 12 anos –, coincidências foram identificadas tanto na vida pessoal quanto profissional, características que os aproximam. Uma delas é que o escritor mineiro se formou em medicina e atuou profissionalmente, sobretudo, no sertão onde nasceu, um lugar que, já na época em que atuou como médico, servia de laboratório de estudos e, claro, de cenário para suas criações literárias.

Como Guimarães Rosa, o escritor moçambicano também se enveredou pelos caminhos da medicina, mas por pouco tempo; não concluiu o curso: parou no segundo ano. Profissionalmente, Mia Couto abraçou a escrita, primeiro como jornalista, depois como escritor de vários gêneros, sendo o romance aquele em que mais se destacou. Posteriormente se formou em Biologia, passando a conciliar a atuação de biólogo com a de escritor, exercendo-as concomitantemente. Segundo Amorim (2004, p. 180), esses movimentos são autônomos e, “independentemente da vontade do autor, seu texto é um dispositivo que coloca em cena outros contextos de enunciação, que faz ouvir outras vozes além da sua” (AMORIM, 2004, p. 180).

Quanto a possíveis influências da literatura de João Guimarães Rosa na sua escritura literária, Mia Couto não nega. Ao contrário, faz questão de afirmar a sua admiração pelo brasileiro e por suas obras. Em entrevista a Joana Oliveira, do portal “El País”, em maio de 2019, o moçambicano afirma que Guimarães Rosa foi responsável por abrir caminhos para escritores como ele. Os trabalhos do escritor mineiro representaram “uma espécie de luz verde, uma autorização, dizendo ‘você pode ir por este caminho, pode-se fazer literatura assim’, deixando que as vozes chamadas não cultas, que as vozes das pessoas do campo pudessem remexer na história e no próprio narrador”, relata Couto (2019, n.p.). Mia Couto ainda revela na entrevista que chegou a Guimarães Rosa pelo livro “Primeiras Histórias”, sendo imensamente impactado pelo conto “A Terceira Margem do Rio”, de 1962; e posteriormente por “Grande sertão: veredas”. “Quando cheguei a ‘Grande sertão’, eu já estava embriagado dessa literatura” (COUTO, 2019, n.p.).

Das duas carreiras que abraçou, a de biólogo e a de escritor, Mia Couto manifesta satisfação por ambas, que são, em alguns aspectos, complementares. Em entrevista a Marcelo da Silva Araújo Santos, da “Revista Litterata”, em 2020, o escritor moçambicano conta que é possível que “a Literatura mexa mais profundamente comigo, ela vai mais fundo, vai buscar as coisas de infância” (COUTO, 2020, p. 9). Afinal, leitura e contação de histórias sempre estiveram presentes na sua casa; seus pais alimentavam esses estímulos. No entanto, acrescenta ele, “a Biologia também me convoca todo, eu não sou um Biólogo só de profissão, eu gosto... eu amo o que faço” (COUTO, 2020, p. 9).

Mia Couto é diretor e um dos fundadores da “Impacto Projectos e Estudos Ambientais”, sediada na capital moçambicana. A empresa tem sua atuação direcionada à pesquisa e avaliação ambiental. As regiões costeiras são o foco dos trabalhos desenvolvidos por ela. Entre os projetos de maior relevância executados pela Impacto está o de preservação da reserva natural da Ilha de Inhaca, localizada na baía de Maputo, em 1992.

Guimarães Rosa exerceu a medicina por cerca de três anos, mas abandonou para seguir a carreira de diplomata. A paixão pela escrita, que começou cedo, com contos, ganhou impulso a partir de seus 22 anos, quando ainda era médico e, por força do exercício profissional, se embrenhava pelo sertão-veredas, atendendo pacientes e fazendo anotações, registros de tipos humanos em suas crenças e práticas cotidianas, remédios e alimentos que estes retiravam da natureza; personagens da flora e da fauna que o encantavam, exerciam verdadeiro fascínio. Assim, o seu olhar de sertanejo e os registros configuraram o diferencial de suas criações; foram matéria-prima necessária para recheiar as obras. E, como lembra Amorim (2004, p. 180), o “efeito de personificação produz-se por uma espécie de materialidade viva da coisa cultural que traz em si mesma uma presença plural”. Essa tangibilidade de um mundo real e específico, atravessando a obra, é uma escolha dos autores; e representa, portanto, uma estratégia que os aproximam.

Na entrevista a Fernando Camacho (1978 [1966])¹, Guimarães Rosa explica que pesquisar e escrever sobre o sertão era como mergulhar em sua origem, atividade que dá “uma certa tônica afirmativa do indivíduo...” (ROSA, 1978, p. 45). O escritor estava convicto de que suas criações, recheadas de tipos regionais, seriam compreendidas e, principalmente, aceitas pelo leitor, por isso não teve dúvida de que o mercado editorial também entenderia isso. O professor e crítico literário Paulo Rónai (2001) louvou a coragem do autor. Na crítica que escreveu em 1956, falando sobre o lançamento de “Corpo de baile (Buriti)”, Rónai se refere a Guimarães Rosa da seguinte forma: “Insensível a conveniências editoriais, o escritor pouco se preocupa em ir ao encontro dos hábitos do público” (RÓNAI, 2001, p. 19).

Após ingressar no Itamaraty, João Guimarães Rosa juntou as duas profissões, a de diplomata e a de escritor; foram 33 anos de atividades concomitantes, às quais foi fiel até o final da vida, em 1967. Na entrevista concedida a Camacho (1978 [1966]), o escritor confessa que, ao escrever, “[...] meu desejo de comunicar com o público era mais para mostrar o cenário da minha infância, para recuperar e preservar esse mundo sob forma artística” (ROSA, 1978 [1966], p. 45). Ou seja, a literatura era um meio pelo qual se expressava, se manifestava apoiado invariavelmente no sertão, nas reminiscências que carregava e nos estudos empíricos que sempre realizou.

Para o “artista-prosador”, seu objeto de discurso apresenta uma face de “multiformidade social plurilíngue dos seus nomes, definições e avaliações”, nos alerta Bakhtin (2002 [1934-1935], p. 87-88); é uma visão do objeto na espacialidade social que permite enxergar uma extensa variedade de caminhos à disposição. Para o romancista, o caráter dialético do objeto mergulha no diálogo que contorna o

¹A entrevista de Guimarães Rosa a Fernando Camacho foi concedida em abril de 1966, mas só foi publicada cerca de 12 anos depois, em janeiro de 1978, pela “Revista Humboldt”.

ambiente social implicado, reverberando “vozes multidiscursivas, dentre as quais deve ressoar a sua voz”, revela Bakhtin (2002 [1934-1935], p. 88). De acordo com o estudioso, o “artista-prosador” constrói o multidiscurso, instaurado socialmente no entorno do objeto.

As inter-relações: obras entrelaçadas

A relação entre João Guimarães Rosa na espacialidade (o meio ambiente sertanejo) e os habitantes do lugar — pessoas e seres da fauna e da flora — se mostra forte, de modo a se impregnar no ser escritor, tomando conta da sua alma sertaneja. É dessa intensa interação, somada ao amor e encantamento do escritor pelo todo do lugar, que resultaram suas obras, trabalho que carrega uma marca, um estilo individualizado. Segundo Campos (2013, p. 122), “toda palavra que se lê, que se escreve, que se escuta é um objeto saturado de intenções multifacetadas”, portanto não se trata de “um dado morto, virgem, à espera de alguém. O objeto está presente na voz de quem o anuncia”, acrescenta a pesquisadora.

Assim, o homem regional representado na obra rosiana são tipos humanos característicos do sertão-veredas de Minas Gerais, com suas peculiaridades, como a luta pela sobrevivência, a lida com a lavoura e criação de animais, problemas ambientais, entre outros; temas com os quais o escritor conviveu e que também estudou. As temáticas que atravessam o enredo de “Buriti” são questões que Guimarães Rosa já relatava em 1952, quando participou de uma expedição de cerca de três semanas pelo sertão, convivendo com vaqueiros, ocasião em que escreveu um diário de campo, que resultou no livro “A boiada”, com anotações dos cadernos 1 e 2, publicado pela Nova Fronteira em 2011. A expedição aconteceu quatro anos antes do lançamento de “Corpo de baile”, obra que contém “Buriti”.

Em “A boiada”, caderno 1, página 9, Guimarães Rosa registra: “Assa-peixe: há o de flores brancas e o de flores róseas (róxo-claras)”, Rosa (2011, p. 9), uma referência aos lugares por onde a expedição com vaqueiros passou, sendo as anotações feitas numa terça-feira, no dia 13 de maio de 1952. Em “Buriti”, as referências feitas pelo autor-criador são bastante semelhantes: “Dum lado e doutro, os pés de assa-peixe, em rosa e em branco, em flôres”, Rosa (1965, p. 118), sendo que as ocorrências também foram em maio. “E era maio, amadurecidos os capins, agradáveis manhãs e tardes” (ROSA, 1965, p. 118). Aqui o narrador descreve o caminho percorrido pelo veterinário Miguel, que saiu da fazenda Grumixã, acompanhado de nhô Gualberto, em direção a outra, a Buriti Bom.

Diante destas e de outras referências que aparecem ao longo de “Buriti”, a inter-relação entre as duas obras fica evidenciada, materializando, assim, a intenção do escritor de utilizar o material coletado no diário de campo na construção da obra, que inclui o título que a nomeia. A palavra “buriti”

permeia toda a novela, tendo, inclusive, uma palmeira buriti como personagem-protagonista: é a “Buriti-Grande”, Rosa (1965, p. 251), palmeira gigante, que mede mais de 70 metros de altura. Há nessas relações discursivas uma duplicidade de expressão, de um lado a da obra originária, a pesquisa de campo “A boiada”; e do outro “Buriti”, que a acolheu. Tendo como auxílio Bakhtin (2011 [1979], p. 299), os ecos de ambas são percebidos nas alternâncias discursivas e pelas “mútuas relações dialógicas aqui se ouvem nitidamente”. Afinal, “o enunciado é representado por ecos como que distantes e mal percebidos das alternâncias dos sujeitos do discurso e pelas tonalidades dialógicas” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 299).

Corroboram com a nossa linha de raciocínio estudo dos pesquisadores Vasconcelos e Santiago-Almeida (2012), que argumentam que “uma vez reproduzido o texto pode incorporar modificações no percurso de sua tradição, ou transmissão ao longo do tempo, e a cada cópia que se faz sua constituição pode ser mudada, seja por ato involuntário ou não” (VASCONCELOS E SANTIAGO-ALMEIDA (2012, p. 338).

Assim, as modificações e reproduções ficam evidenciadas já no material originário, o da pesquisa de campo feita pelo escritor, no qual o mesmo indica substituir trechos do datiloscritos por manuscritos posicionados à margem esquerda.

Considerando as concepções de Bakhtin (2002 [1934-1935]), a característica basilar do gênero romanesco consiste na presença do homem que fala, uma vez que “o romance necessita de falantes que lhe tragam seu discurso original, sua linguagem” para sua estrutura, Bakhtin (2002 [1934-1935], 134). O estudioso argumenta que o homem, como objeto do romance, figura tanto como representante verbal quanto como representante literário, sendo que, nele, o discurso do falante é “reproduzido”, mas também “representado artisticamente”, acrescenta Bakhtin (2002 [1934-1935], p. 134).

Então, parte do arcabouço de “Corpo de baile” e, claro, da novela “Buriti”, já constava no diário de campo de 1952. Também em “Corpo de baile”, o enredo de “Buriti” dialoga diretamente com “Campo geral — Miguelim”. Esta última, novela que abre a série de sete títulos que compõem a obra “Corpo de baile”, conta a saga do menino Miguelim e sua família no Mutum, nas veredas sertanejas de Minas Gerais. Já em “Buriti”, Miguelim é o veterinário Miguel, agora adulto, que regressa ao sertão anos depois. Trechos da pesquisa de campo de Guimarães Rosa aparecem ao longo da novela “Buriti”, materialidade que nos permite inferir que o escritor pensou nas produções literárias com muita antecedência, desembocando na participação da expedição.

As referências aparecem em diversos momentos, sobretudo nas enunciações de Miguel, como na conversa com Glorinha, em que o rapaz fala sobre um animal de estimação de sua infância: “Uma cachorrinha. Ela dava saltos, dobrada, e rolava na folhagem das violetas, e latia e ria, com seus brancos dentes, para o cachorrinho seu filhote... Ela estava quase cega...” (ROSA, 1965, 88). A “cachorrinha” em questão

é Pingo-de-Ouro, de “Campo geral — Miguelim”. “Pingo-de-Ouro, uma cachorra bondosa e pertencia a ninguém, mas gostava mais era dele mesmo”, Rosa (1984, p. 20), animal que fascinava o menino Miguelim, trazendo alegria, principalmente quando este brincava sozinho, escondido na horta, ou contemplando as brincadeiras dela com os filhotes: “virava cambalhotas, rolava de costas, sentava-se para sacudir, seus dentinhos brilhavam para muitas distâncias. Mordia a cara da mãe, e Pingo-de-Ouro se empinava — o filhote ficava pendurado no ar” (ROSA, 1984, p. 20).

O entrelaçamento entre gêneros discursivos e títulos distintos de autoria do escritor coloca em cena a hibridização no romance, conceito bakhtiniano que se refere a um enunciado que agrega, em sua estrutura, outros enunciados diferentes, constituído de estilo e linguagens distintos; todos reunidos, axiologicamente, em um espaço onde discursos divergentes convivem. Tais condições se enquadram em “Buriti” que, além de outra novela, também materializa, em seu interior, um diário de campo. “Denominamos construção híbrida o enunciado que, segundo índices gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence a um único falante [...] confundidos dois enunciados, dois modos de falar, dois estilos, duas linguagens, duas perspectivas semânticas e axiológicas” (BAKHTIN, 2002 [1934-1935], p. 110).

Assim como em “Buriti”, em “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra” as relações interdiscursivas vão além das fronteiras do enredo, atravessam eventos históricos, econômico-político-culturais do país natal do autor-criador. Em entrevista a Rosália Diogo, em 2010, Mia Couto exalta a sensibilidade do escritor e sua excepcional importância para a criação literária; louva, principalmente, a criatividade em aproximar o mundo que o cerca da obra, atravessando-o à tessitura do enredo. Ele conta que o “escritor é, digamos assim, uma fonte importante para se perceber alguns elementos” (DIOGO, 2010, p. 197). Desse modo, os tons realísticos impressos na obra são ditados pela percepção do escritor em relação ao mundo real e pela maneira como este trabalha essa representação na tessitura da trama.

Volóchinov (2019 [1926]) nos chama a atenção para a complexa constituição do todo que compõe a arte literária, um todo orgânico, embebido de sentidos, que contém ponto de vista. O estudioso alerta, então, que “toda palavra, falada ou pensada, não é um simples ponto de vista, mas um ponto de vista avaliador”, afirma Volóchinov (2019 [1926], p. 316), destacando que a circunstância do acontecimento está relacionada a uma dada realidade, a uma determinada situação. De acordo com o pensador, sempre que “pronunciamos ou ouvimos uma palavra, nunca a percebemos como algo separado e abstrato da realidade, como um fenômeno puramente sonoro, autossuficiente e valioso por si só” (VOLÓCHINOV, 2019 [1926], p. 316). O pesquisador se refere a eventos de uma realidade instituída de maneira “natural, histórica ou artística”, uma concretude projetada por meio de palavras.

Para Mia Couto, a literatura tem a missão de relatar histórias do mundo real, de lembrar, inclusive, as histórias traumáticas de um povo, transmitindo-a de uma forma palatável, de modo a combater traumas ou atenuar sequelas indeléveis presentes na estrutura social. Em entrevista a Beatriz Muylaert, do portal “Quatro Cinco Um: a revista dos livros”, em maio de 2022, o escritor conta que “a literatura pode fazer isso de uma maneira mais tranquila, pode transformar isso em histórias, pode humanizar”, conta Couto (2022, n.p.), destacando que pode revelar aspectos desconhecidos. O autor entende ser importante dar atenção às memórias e também ao esquecimento inerente a elas, pois este último “sempre” pode ser “construído”. Para o escritor, a “memória é feita de ficção, não é uma conquista dos factos, o passado não vem ali revelar-se inteiramente” (COUTO, 2022, n.p.). Quanto ao esquecimento, o moçambicano não o enxerga como “falha”, e sim como “uma substituição de narrativas”.

Em outra obra, “Terra sonâmbula”, lançado em 1992, o moçambicano aborda questões sobre a guerra em seu país, um drama que ele próprio vivenciou, sobretudo na condição de jornalista, fazendo coberturas. Em entrevista a Beatriz Brandão e Maylta dos Anjos, do portal “Le Monde Diplomatique Brasil”, em abril de 2019, o escritor confessa o sentimento de impotência e a decisão de escrever sobre o assunto como uma espécie de catarse, pois já não era mais “capaz de dormir, era visitado pelos amigos que morriam, os meus colegas que foram assassinados na guerra, e tudo aquilo não me dava sequer um amparo de uma causa, de uma vingança, de uma bandeira de luta”, desabafa Couto (2019, n.p.). Assim, revela o autor, o livro nasceu da necessidade de trabalhar a brutal experiência da guerra para poder seguir adiante.

Então, a certa altura pensei que tinha que converter em livro essa realidade tão cruel. Eu tinha que ficcionar aquela violenta irracionalidade. Foi o que fiz com o romance Terra sonâmbula. É um livro delirante, porque foi uma maneira de juntar essa gente que deambulava no limite da sua própria humanidade. A guerra proporcionou a visão do apocalipse, mas também a dimensão infinita da resposta humanizante que as pessoas construíam dentro de si e nas relações que estabeleciam com os outros. (COUTO, 2019, n.p.)

Voltando ao romance “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”, as margens do rio Madzimi contemplam as duas faces deste pequeno país ficcional: a cidade e a ilha Luar-do-Chão. Embora essas duas representações sejam unidades constitutivas, um abismo as separam, justamente por serem tão desconexas. A pobreza e a desigualdade marcam as diferenças, principalmente a distância entre os dois entes, constituídos politicamente e desatrelados de fato. No enredo, o autor-criador elenca a importância do rio para a população local, para sua subsistência e para o

seu existir externo. Já a cidade se enxerga autônoma. Para ela, a existência de Luar-do-Chão só se dá em dividendos financeiros que de lá extrai. Assim o narrador define o país e os três entes constituídos: a cidade, o Madzimi e a ilha:

Nenhum país é tão pequeno como o nosso. Nele só existem dois lugares: a cidade e a Ilha. A separá-los, apenas um rio. Aquelas águas, porém, afastam mais que a sua própria distância. Entre um e outro lado reside um infinito. São duas nações, mais longínquas que planetas. Somos um povo, sim, mas de duas gentes, duas almas. (COUTO, 2003, p. 18)

O heterodiscurso, discurso do outro introduzido no romance, revela propósitos, “a intenção direta da personagem falante e a intenção refratada do autor”, nos alerta Bakhtin (2015 [1930], p. 113). Na enunciação “há duas vozes, dois sentidos e duas expressões”, acrescenta Bakhtin (2015 [1930], p. 113). Estas vozes estão inter-relacionadas e, dialogicamente, produzem diálogo, na forma de réplicas, materializando a reciprocidade discursiva estabelecida entre os sujeitos interlocutores. Nos romances de Mia Couto “Terra sonambula” e “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”, as anunciações envolvem a colonização europeia e a violência, consequência de duas guerras, a de libertação nacional e civil; e, além disso, há a ‘coincidência’ de o país retratado na ficção ter o mesmo colonizador do país do escritor.

O gênero discursivo carta, que costura todo o enredo de “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”, direcionando os acontecimentos na trama, também está presente em “Buriti”. Embora não tenham materialidade concreta, aqui, as missivas também assumem um caráter informativo eficiente e gozam, sobretudo, de credibilidade. Havia, inclusive, um ritual antes da leitura. Lô Liodoro “[...] sentara-se diante dela, tático, demorado, sem fazer perguntas, mas esperando que ela tudo narrasse. Como se fosse um velho companheiro em visita de consolação” (ROSA, 1965, p. 148). As cartas, então, eram a conversa possível, principalmente entre parentes que moravam em pontos remotos do mesmo sertão.

A palavra dirigida ao interlocutor é bilateral, tem relevância extrema; ela aponta a direção de quem fala e de quem ouve. A palavra é, então, um “produto das inter-relações”, aponta Volóchinov (2021 [1929-1930], 205), estabelecidas entre o enunciador e seu receptor, é a expressão de “um” em relação ao “outro”. Afinal, é por meio da palavra que o “eu” dá forma a si mesmo, através do ponto de vista do outro, e também pelo entendimento que esse “eu” tem sobre sua própria coletividade. Vista por Volóchinov (2021 [1929-1930], p. 205) como “território comum entre o falante e o interlocutor”, a palavra funciona como ponte que liga os sujeitos: de um lado o “eu”, que se apoia em uma ponta; na extremidade oposta está o “outro”.

Em sua diversidade, os gêneros discursivos marcam presença nas atividades da vida real, indicam relevância substancial, principalmente por refletir, nessa heterogeneidade, tipos e estilos. Assim, os gêneros podem individua-

lizar o estilo do falante, deixando suas marcas e intenções discursivas. Por isso, tanto em “Buriti” quanto em “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra” a personalização do autor-criador fica evidenciada, sobretudo pelas escolhas estruturais feitas para o todo da obra. O caráter dialógico-discursivo e a correspondência específica da composição peculiar de cada obra contemplam o nosso campo de pesquisa. De acordo com Bakhtin (2016 [1951-1953]).

A vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de certo gênero de discurso. Essa escolha é determinada pela especialidade de um dado campo da comunicação discursiva, por considerações semântico-objetais (temática), pela situação concreta da comunicação discursiva, pela composição pessoal dos seus participantes, etc. [...] a intenção discursiva do falante, com toda a sua individualidade e subjetividade, é aplicada e adaptada ao gênero escolhido, constitui-se e desenvolve-se em determinada forma de gênero. (BAKHTIN, 2016 [1951-1953], p. 37-38)

Nesse sentido, os enunciados cotidianos, com os quais o falante se expressa, ocupam papel de destaque, uma relevância preponderante na comunicação, num processo que contempla os dois parceiros: falante e ouvinte, ambos participantes ativos do discurso, concordando ou divergindo, sendo que a “posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante”, relata Bakhtin (2016 [1951-1953], p. 25). Portanto, a compreensão, que é repleta da enunciação, dá forma à relação, onde, em algum momento, o ouvinte se torna falante.

Ressignificar o fazer literário

As tradições, sobretudo na África, assumem uma importância social gigantesca. A literatura e demais expressões artísticas se aproximam das tradições, se valem delas como uma forma de expressão. O escritor moçambicano nos relata a dimensão dessa importância ao dizer que “o peso da oralidade é enorme e transportá-la para a escrita é como visitar um outro país”, conta Couto (2010, p. 197), diante de uma diversidade que enxerga e das possibilidades que também explora no ofício da escrita. Mia Couto salienta que, a exemplo de todo africano, sua escrita é apurada e alicerçada no exercício de escutar e de contar histórias, uma arte que começa cedo, desde o nascimento. Sua avaliação é de que, no seu país, essas práticas são inerentes ao viver, o que facilita sobremaneira o trabalho do escritor, pois “você vai à rua e regressa à casa cheio de histórias” (COUTO, 2022, n.p.).

A arte literária, portanto, se alimenta da cultura, de acontecimentos da vida cotidiana que atravessam o fazer literário. Então, as vivências plenas e responsivas do viver real podem inspirar o trabalho do escritor. Segundo Bakhtin, (2017 [1970], p. 11), “a ciência da literatura deve estabe-

lecer o vínculo mais estreito com a história da cultura". Isso acontece, reitera o estudioso, porque "a literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época" (BAKHTIN, 2017 [1970], p. 11). E, em alguma medida, o moçambicano Mia Couto age em conformidade com os preceitos bakhtinianos e de seu Círculo, sobretudo ao levar para suas obras dados culturais e históricos entrelaçados ao enredo.

Em "Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra" Couto também faz referência a essa classe de "novos endinheirados", que tem como representante maior, no romance, Últímio, o filho caçula de Dito Mariano, que vivia uma crise conjugal, mas mantinha as aparências, pois "os novos ricos seguem o velho preceito: não se separam das esposas. O homem arranja, sim, novas namoradas, tantas quantos os apartamentos que vai alugando em diferentes bairros da cidade" (COUTO, 2003, p. 153). Últímio sempre ambicionou riqueza e reputação social, tanto que se tornou assimilado ainda no período colonial, iniciativa que o levou a somar forças do lado do exército português.

Fulano Malta, pai de Mariano Malta, se posicionou ao contrário do irmão mais novo. Fulano Malta juntou-se aos civis patriotas, guerrilheiros que tinham como meta expulsar os colonizadores do seu país. Embora o combate tenha durado anos, um longo tempo sem que a família tivesse qualquer notícia suas, depois de "derrubado o governo colonial Fulano Malta regressou", triunfante a Luar-do-Chão, Couto (2003, p. 72). Sua felicidade convergia com a de membros da família e de compatriotas, que sonharam com a conquista por décadas. Fulano Malta "vinha fardado e todos o olhavam como herói de muitas glórias" (COUTO, 2003, p. 72).

Assim, o caráter histórico do romance encontra semelhanças com a história de Moçambique. Entre elas estão a queda do colonizador português em 1975, dada, por um lado, pela força de combatentes civis e, por outro, por milhares de assimilados, também civis, que se uniram ao exército do colonizador para atacar os próprios moçambicanos. Em 2022, o escritor falou sobre isso na entrevista concedida a Beatriz Muyaert, ocasião em que estimou que 60.000 civis moçambicanos assimilados combateram os defensores da Guerra de Libertação Nacional. Nas palavras do autor, "havia 60 mil moçambicanos lutando no Exército colonial, contra os moçambicanos, que estavam também de armas na mão, lutando pela independência e liberdade do país" (COUTO, 2022, n.p.).

Mia Couto entende que a postura dos "novos ricos" em Moçambique é de arrogância, de desprezo profundo pelas pessoas mais carentes, um comportamento muito parecido com o de Últímio em "Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra". O escritor acrescenta que a "a gente ouve muito sobre o combate à pobreza, mas essas pessoas odeiam pobres, não os querem perto, querem uma nova fronteira, uma nação só para eles. E estão juntos nesse projeto: indianos, brancos, negros..." (COUTO, 2010, p. 204).

Sobre a lógica da violência, sobretudo da guerra, o escritor aponta que a tática empregada é sempre a de diminuir o outro, atribuindo-lhe todas as culpas possíveis até chegar à sua profunda desumanização.

Na guerra, para que a violência se materialize, faz-se necessário que ela seja 'chancelada', uma operacionalização que contemple graus de desumanização. Discorrendo sobre o assunto, Mia Couto afirma que tal realismo impõe que "eu tenho que desumanizar o outro, porque, se eu o reconheço como humano, eu tenho um bloqueio na minha violência" (COUTO, 2019, n.p.). O escritor parte de experiência vivenciada por um longo tempo em seu país, primeiro com a Guerra de Libertação Nacional, contra o colonizador europeu, e depois com a guerra civil, que durou 16 anos. De acordo com a linha de raciocínio traçada por Mia Couto, para atingir o seu intento, o promotor da violência precisa reduzir o outro a um objeto sem nenhum valor. O escritor nos alerta, porém, que "esse processo é uma faca de dois gumes: eu também me desumanizo para me legitimar como autor de violência" (COUTO (2019, n.p.).

Em "Terra sonâmbula", a prostituta cega Juliana Bastiana, que é amante de um militar do exército colonial, parece sintetizar o sentimento que Mia Couto transmitiu na entrevista dada ao portal "Le Monde Diplomatique Brasil" em 2019. Ao adentrar um bar, acompanhada de seu cachorro, Juliana Bastiana presencia um tiroteio, que resulta em mortes. No entanto, as cenas que vêm na sequência são de naturalidade, as pessoas conversam como se nada tivesse acontecido. Nisso, refletindo sobre os acontecimentos, a cega diz: "Graças a Deus sou cega. Lá fora, o mundo está pior. Por causa dessa guerra, já ninguém se compaixona por ninguém" (COUTO, 2018, p. 132). Antes, logo ao chegar ao bar, alguém manifesta o receio de ser atacado pelo cachorro, mas Juliana se antecipa dizendo: "Não tenhas medo do cão. Ele é mais bondoso que muitos desses, disse apontando para a multidão" (COUTO, 2018, p. 131).

Tais situações podem ser identificadas no enredo de "Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra", numa ilha até então pacata, que passou a atrair atenção de estrangeiros interessados em seus recursos, sobretudo naturais, e com eles abastecer carregamentos ilegais. Mariano Malta soube disso em conversa reservada com o pai, que lhe confidenciou que "uns traficantes lá da cidade pensavam que o velho Mariano sabia onde estava escondida a remessa" (COUTO, 2003, p. 169). Há tempos que moradores de Luar-do-Chão já vinham sofrendo com irregularidades no transporte de passageiros, uma vez que o barco público vinha sendo usado para escoar mercadorias clandestinas. Além disso, assassinatos e outros acontecimentos igualmente violentos trouxeram medo para o lugar.

Considerações Finais

Apesar de nossa pesquisa encontrar-se na fase incipiente de análise, foi possível identificar aspectos convergentes nas

obras dos escritores João Guimarães Rosa e Mia Couto que estudamos, “Buriti” e “Um rio chamado tempo, uma casa chamada casa terra”, respectivamente. Chamou atenção o fato de ambos exercerem, concomitantemente, duas profissões, sendo a escritura literária a base comum entre ambos. Na arquitetura dos dois trabalhos, a temática, com a escolha de seres presentes na natureza, a cultura do lugar, entrelaçados por gêneros discursivos intercalados, marcam as semelhanças das opções feitas pelos dois profissionais que, apesar das coincidências, não se conheceram.

Mia Couto chegou a Guimarães Rosa pelos livros e, imediatamente, se identificou com a linguagem e com o jeito de fazer literatura do brasileiro. Comentou sobre isso na entrevista concedida ao Portal “Raízes/Carta Capital”, em fevereiro de 2016. O moçambicano contou que ler “Guimarães Rosa foi para mim como um rasgão. ‘Grande sertão: veredas’ é aquele livro ao qual se regressa constantemente, capaz de retratar um mundo inteiro” (COUTO, 2016, n.p.). Na vida, os dois escritores são apaixonados pela natureza e pela cultura do lugar em que nasceram e pela história que marca o modo de vida do povo. Os viveres, os falares, a inter-relação com o espaço-temporal são matéria-prima largamente explorada na produção da arte literária dos autores.

Referências

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2ª reimpressão, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética — A Teoria do romance**. São Paulo: Editora Hucitec Annablume, 5ª edição, 2002.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Editora Forense, 5ª edição, 2013.

_____. **Teoria do romance I – a estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34 Ltda., 1ª edição, 2015.

_____. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34 Ltda., 3ª reimpressão, 2016

_____. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34 Ltda., 1ª edição, 2017.

BRANDÃO, Beatriz; ANJOS, Maylta dos. **A guerra na vida dos sobreviventes, dissidentes e residentes**. Le Monde Diplomatique

Brasil. Publicação em: 2 abril 2019. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-guerra-na-vida-dos-sobreviventes-dissidentes-e-residentes/>. Acesso em: 2 dez. 2023.

CAMACHO, FERNANDO. **Entrevista com João Guimarães Rosa**. Revista Humboldt, vol. 18 – nº 37, p. 42-53. Munique/Rio de janeiro, 1978. Disponível em: <https://app.box.com/s/hclai1ndzofuqgr4q7bs>. Acesso em: 5 abril 2023.

CAMPOS, Maria Inês Batista. **Questões de literatura e de estética: rotas bakhtinianas**. (In.) Bakhtin: dialogismo e polifonia. (Org.) Beth Brait. São Paulo: Contexto, 1ª edição, 2ª reimpressão, 2013.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1ª edição, 2003.

_____. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2ª edição, 2018.

DIOGO, Rosália Estelita Gregório. **Mia Couto: narrar o lado menos bonito e que muitas vezes não é falado também é parte do ofício do escritor**. Scripta, Belo Horizonte, v. 14, nº 27, p. 195-205, 2º Sem. 2010. Disponível em: <https://seer.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4341/4488>. Acesso em: 20 abril 2024.

SANTOS, Marcelo da Silva Araújo. **Entrevista com Mia Couto**. Revisão: VOISIN, Jane Kátia. Litterata, Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões, Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz, volume 10, Número 2 Julho/Dezembro, Ilhéus/BA: Editus, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1aaYzvABngc57hTZCzjFP465KDeBJbgAS/view>. Acesso em: 13 abril 2022.

MUYLAERT, Beatriz. **Mia para os íntimos**. Portal: Quatro Cinco Um: a revista dos livros. Publicação em: 25 maio 2022. Disponível em: <https://www.quatrocinco.com.br/br/entre-vistas/literatura/mia-para-os-intimos>. Acesso em: 2 dez. 2023.

OLIVEIRA, Joana. **Mia Couto: “Doeu ver como África e Moçambique ficaram tão distantes do Brasil”**. São Paulo: El País, 2 maio, 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/18/cultura/1555598858_754829.html. Acesso em: 21 abril 2024.

RÓNAI, Paulo. **Rondando os segredos de Guimarães Rosa Rosa**. Apresentação. In: ROSA, João Guimarães. Noites do sertão: (Corpo de baile). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 9ª ed., 2001.

ROSA, João Guimarães. **A boiada**. Ilustração: Paulo Mendes da Rocha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

_____. **Campo geral**. (In.) Manuelzão e Miguelim (Corpo de baile). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 9ª edição, 1984.

____. **Noites do sertão (Corpo de baile)**. Rio de Janeiro: José Olympio Editôra, 3ª edição, 1965.

VASCONCELOS, Celciane Alves; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. **Contribuição da Filologia e da Crítica Textual para o Estudo de Documentos Manuscritos de Paranaguá**. SIGNUM: Estudos da Linguagem, Londrina, n. 15/1, p. 335-356, junho 2012. Disponível em: file:///C:/Users/Micro/Documents/DOCTORADO%20USP/SANTIAGO-ALMEIDA/signum,+Gerente+da+revista,+17+Vasconcelos+e+Santiago-Almeida.pdf. Acesso em: 22 abril 2024.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia – Ensaaios, artigos, resenhas e poemas**. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 1ª ed., 2019.

____. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 3ª edição, 2021.